

Paquistão virou improvável mediador na guerra do Irã

País será palco das conversas de paz entre Washington e Teerã

/ ORIENTE MÉDIO

Há décadas acostumado a pontificar o noticiário internacional de forma negativa, com atentados, instabilidade política e crises econômica e humanitária, o Paquistão emergiu na guerra do Irã num improvável papel de mediador dos esforços pela paz. O papel é mais notável quando se considera que Islamabad e Teerã trocaram fogo há pouco mais de dois anos, em janeiro de 2024. O Irã havia atacado militantes contrários à teocracia abrigados no vizinho, que respondeu com a mesma moeda. Por pouco não houve uma escalada.

Única potência nuclear do mundo muçulmano, com 170 ogivas, o Paquistão é um país onde o Exército tem a palavra final na política, seja por influência, seja por intervenções diretas. Assim, não é surpresa que o homem por trás dessa nova imagem do país seja seu principal militar, o marechal Asim Munir.

Chefe do Estado-Maior do Exército desde 2022, ele foi diretor do poderoso ISI, a principal agência de inteligência de um país cuja própria existência é baseada num conflito. A partilha da Índia britânica, em 1947, levou a uma rivalidade amarga e a quatro guerras.

No ano passado, uma quinta começou a se formar como escaramuça fronteiriça e Donald Trump, que acabara de voltar ao poder nos EUA, buscou intermediar uma trégua. A Índia sempre rejeitou a alegação do americano de que Trump evitou um conflito entre os dois adversários nucleares, mas Munir viu uma oportunidade.

Por décadas, o Paquistão era um aliado vital dos EUA no Sul da Ásia. Foi de lá que as armas que apoiaram os mujahedin afegãos contra a ocupação soviética (1979-



Negociações de cessar-fogo iniciam sábado no hotel Serena, em Islamabad

1989) fluíram, mas o ISI sempre buscou vantagens estratégicas na briga com Nova Déli.

Foi assim que a organização ajudou a fundar o Talibã, que viria a tomar o poder no Afeganistão em 1996. Só que a hospitalidade para os terroristas de Osama bin Laden que promoveram os ataques de 11 de setembro de 2001 levou os EUA a desalojar os fundamentalistas de Cabul.

Bin Laden acabou morto dez anos depois escondido ao lado da principal academia militar do Paquistão, o que serviu de prova a Washington de que Islamabad fazia jogo duplo. Além disso, mesmo apoiando diversos grupos militantes de olho na Índia, os paquistaneses também sofriam com ataques terroristas.

A relação com os EUA se rompeu e a China, vizinha ao Norte do Paquistão, ocupou o vácuo com gula. Formou uma aliança econômica que gerou em 2015 um corredor de infraestrutura para escoamento de produtos chineses pelo porto de Gwadar, no Índico paquistanês, uma iniciativa de US\$ 60 bilhões.

A retirada desastrosa dos EUA

do Afeganistão em 2021, com a volta ao poder do Talibã, bagunçou o coreto regional. China, Rússia e Índia se aproximaram dos fundamentalistas, que passaram a ser acusados pelos antigos patronos no Paquistão de fomentar terroristas contra Islamabad.

O resultado é uma guerra intermitente entre os vizinhos, que teve episódios pesados nos últimos meses, com o bombardeio de Cabul. Essa crise e a tensão do ano passado com o Irã apresentaram um desafio para Munir. O seu passado de líder de um dos mais eficazes serviços de inteligência do planeta lhe garantiu acesso à poderosa Guarda Revolucionária do Irã, como ocorre entre os melhores inimigos.

E esse contato colocou o Munir para intermediar as difíceis conversas indiretas entre Washington e Teerã. Elas começam em meio a um instável cessar-fogo neste sábado no famoso hotel Serena, em Islamabad, cujos hóspedes receberam compensação para desocupar o prédio. A negociação tem tudo para dar errado, mas Munir conseguiu colocar seu país na posição de aliado da China e dos EUA.

Estreito segue fechado e mais de 400 navios encalhados

O Estreito de Ormuz ainda não foi reaberto, embora esse fosse um termo chave do cessar-fogo de duas semanas entre EUA, Israel e o Irã. Na quarta-feira, apenas cinco navios passaram pela via navegável crítica, de acordo com a S&P Market Intelligence. Apenas um, o Tour 2 com bandeira iraniana, era um petroleiro. Os outros eram navios de carga geral e a granel.

Nesta quinta-feira, apenas um navio-tanque de gás natural liquefeito estava se movendo pelo estreito, com outros 14 “encalhados no Golfo”, de acordo com o serviço de rastreamento de navios Kpler. “O ambiente operacional no Estreito, portanto, permanece inalterado, com passagens permissivas continuando sob as mesmas condições de antes”, de acordo com

o serviço de dados MarineTraffic da Kpler.

Mais de 400 embarcações permanecem “efetivamente encalhadas” na região, disse a empresa de rastreamento de embarcações MarineTraffic na quarta-feira. O Irã informou aos mediadores que limitará o número de navios passando para cerca de uma dúzia por dia e cobrará pedágios.

Netanyahu fala em negociação de paz com o Líbano ‘o mais breve’

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, disse nesta quinta-feira que ordenou que seu gabinete inicie negociações de paz com o Líbano, que é atacado pelo país desde 2 de março. O presidente do Líbano, Joseph Aoun, também confirmou o início das negociações. Segundo mostrou o canal Al Jazeera, líder libanês disse que o país de Netanyahu deu uma “resposta positiva” ao começo das conversas. “A única solução para a situação atual no Líbano é alcançar um cessar-fogo”, disse.

Os dois países devem focar em desarmar o Hezbollah e na “regulamentação de relações de paz”, segundo Israel. Na quarta-feira, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou que o Líbano não seria incluído no cessar-fogo de duas semanas por causa do Hezbollah.

Desde então, o Irã tem acusado Israel e EUA de violarem o frágil cessar-fogo por causa desses bombardeios. Representantes de nações da Europa reforçaram hoje o pedido de inclusão do país na trégua. Mais de 1.800 pessoas morreram em ataques no Líbano desde março, segundo balanço do Ministério da Saúde do país. Na quarta, nos primeiros ataques após o cessar-fogo, ao menos 254 pessoas morreram e outras mil ficaram feridas.

Mojtaba Khamenei promete nova fase na gestão de Ormuz

O líder supremo do Irã, aiatolá Mojtaba Khamenei, afirmou que Teerã não busca guerra, mas tampouco abrirá mão de seus “direitos legítimos”, em mensagem divulgada via texto nesta quinta-feira, em meio às tensões no Oriente Médio.

Khamenei reiterou que o país exigirá compensação de Estados Unidos e Israel pelos danos causados em território iraniano durante os recentes confrontos. “Certamente cobraremos a reparação de cada prejuízo e o sangue de nossos mártires”, disse, ao mencionar também indenizações a feridos e vítimas da guerra.

O líder indicou ainda uma postura mais assertiva sobre o Estreito de Ormuz, uma das principais rotas globais de petróleo. “A gestão do Estreito será levada a uma nova fase”, afirmou, sem detalhar medidas concretas, em declaração que sugere possível mudança na forma de controle ou monitoramento da passa-

gem estratégica. Os bombardeios de Israel contra o Líbano foram intensificados com o início da guerra no Irã. Ataques se intensificaram depois que o Hezbollah voltou a promover ataques contra Israel, no dia 2 de março. O grupo armado alegou agir em retaliação aos ataques de Israel contra o Líbano nos últimos meses e em resposta ao assassinato do líder supremo do Irã, Ali Khamenei.

O conflito entre Israel e o Hezbollah remonta à década de 1980. Na época, a milícia xiita foi criada em reação à invasão e ocupação de Israel no Líbano para perseguição dos grupos palestinos que buscavam refúgio no país vizinho. Em 2000, o Hezbollah conseguiu expulsar os israelenses do país. Ao longo dos anos, o grupo se tornou um partido político com assentos no Parlamento e participação nos governos.

A atual fase do conflito entre Israel e o Hezbollah tem relação com a destruição da Faixa de Gaza a partir de 2023. O grupo extremista passou a lançar foguetes contra o Norte de Israel em solidariedade aos palestinos e para desgastar a defesa israelense. Em novembro de 2024, foi costurado um acordo de cessar fogo entre o grupo xiita e o governo de Netanyahu, após Israel matar lideranças do Hezbollah.

gem estratégica.

No cenário doméstico, o aiatolá destacou o papel da mobilização popular como elemento de pressão nas negociações. Segundo ele, a presença contínua de cidadãos nas ruas, mesquitas e espaços públicos tem impacto direto sobre o processo diplomático. “Os gritos do povo nas ruas são eficazes nos resultados das negociações”, afirmou, acrescentando que a participação popular fortalece a posição do país tanto na mesa de diálogo quanto no campo de confronto.

Khamenei também dirigiu recados a países vizinhos, especialmente do Golfo, ao afirmar que essas nações devem escolher “o lado correto”. Segundo ele, Teerã ainda aguarda uma resposta considerada adequada desses governos para demonstrar “boa vontade e fraternidade”, criticando a influência de potências externas na região e alertando que aliados dos EUA podem ser alvo de exploração e pressão.